

**Sobre um Modo Histórico de Revelar:
Imagens do Tempo no *Livro Antepreimeiro da História
do Futuro*, do Padre Antônio Vieira**

On a Historical Mode of Revealing:
Images of Time in the *História do Futuro* [History of the Future], by
Priest Antonio Vieira

Patricia de Freitas Camargo
Instituto Brasil-Itália de Milão

RESUMO: Este artigo propõe o exame da concepção de tempo histórico no *Livro Antepreimeiro da História do Futuro* (1718), de Padre Antônio Vieira, a partir das imagens literárias apresentadas, em confronto com doutrinas seiscentistas sobre a representação e com outros textos do próprio Vieira em que as mesmas imagens vêm acompanhadas de uma justificação retórica e teológica.

PALAVRAS-CHAVE: Vieira; Representação; História; Século XVII; Teologia Política.

ABSTRACT: This article intends to analyse the concept of historical time in the *prolegomena* to Antônio Vieira's *História do Futuro* (1718) by examining the literary images used by him to 'depict' his time, reading them in connection with the doctrines of representation of the 17th century and other texts written by Vieira in which such images are accompanied by a theological and rhetorical justification.

KEYWORDS: Vieira; Representation; History; 17th Century; Political Theology.

Um aspecto que chama a atenção do leitor moderno das obras de Vieira é o pouco valor que ele atribuiu aos sermões em comparação com a importância que acreditava ter sua obra profética – julgamento contrário ao que geralmente ocorre em nossos dias, haja vista as várias edições dos sermões e o quase ineditismo da obra profética¹. Se do ponto de vista literário os sermões oferecem um vasto material de pesquisa sobre a oratória seiscentista, do ponto de vista histórico tanto a *História do Futuro* quanto a *Clavis Prophetarum* parecem não ter nada a dizer. Talvez porque, de fato, estas obras pertençam a um mundo e a uma temporalidade que já não existem mais. O curioso é que, mesmo pertencendo a um ‘outro mundo’ – um mundo que ainda procurava acomodar as novas realidades trazidas com os descobrimentos no velho corpo doutrinário da Igreja, que se pretendia (como se pretende ainda hoje) universal e indiscutível – e a um ‘outro tempo’ – o tempo da espera escatológica, teologicamente articulado –, muitas outras obras da mesma época (como os mesmos sermões, a sátira e a poesia encomiástica), elaboradas segundo os mesmos princípios de representação, são tratadas (como muitas vezes o permitem) como se fossem obras ‘fora do tempo’, sem uma história, sem uma ‘vida’ como obra, admiráveis por terem conservado uma (pseudo-) ‘atualidade’. Desse tipo de limitação crítica nascem alguns equívocos como o julgamento negativo do ‘acúmulo’ e do ‘excesso’ em obras chamadas *barrocas* (lembremo-nos que barroco, em sua origem, era um termo pejorativo) e do teor ‘histórico’ de uma obra como a *História do Futuro*. De fato, a *História do Futuro* não oferece um conhecimento sobre os eventos históricos de seu tempo, mas sim um testemunho de como determinados eventos se imprimiram num modo de ver e compreender o mundo. Para Vieira, o Novo Mundo aparecia como figura do novo Advento, e a *ocasião* tinha um valor inestimável: o tempo de ação (compreendida como ação missionária) era urgente. Revelar essa *alegoria in factis* era o objetivo de sua malograda *História* (já que o Quinto Império não se instaurou

nem no tempo nem na forma imaginada por ele). Permaneceram as suas imagens, que retratam – e nos permitem conhecer – não o seu tempo, mas um modo de conceber o tempo que, seja em sua duração, seja em sua intensidade, não é vivido da mesma forma nas diferentes épocas. Tais imagens podem não oferecer ao homem ‘novo’ uma História do passado, mas oferecem seguramente elementos para a elaboração de uma chave de leitura sem a qual a representação seiscentista – e mesmo o tempo que a concebeu – permaneceria um mundo impenetrável para o leitor moderno.

Para analisar as imagens da história no contexto luso-brasileiro seiscentista, é preciso antes de tudo examinar a relação entre palavra e imagem, que tinha uma característica particular decorrente de elaborações retóricas de fundamento teológico. Como explica João A. Hansen (1995), ao comentar os preceptistas do século XVII (Tesouro, Peregrini, Possevino, Gracián) e intérpretes como Robert Klein, a equivalência entre palavra e imagem como representação seguia a doutrina do conceito, que tem “como primeiro postulado o caráter universal do *disegno*”:

O *disegno* é *segno de Dio*, signo de Deus na mente, mais ainda nos lugares ibéricos contra-reformados, em que a doutrina católica da luz natural da Graça difusa na natureza e na história orienta a representação com as analogias de proporcionalidade, de proporção e de atribuição da Substância participada nas linguagens. Assim, as preceptivas tratam da possibilidade de tornar visível a idéia em receitas de agudezas (...)” (Hansen, 1995, p.202).

A representação constitui um “fazer ver” o que não é apreensível pelo humano – ou seja, o divino – a partir de operações retóricas ‘agudas’ teologicamente articuladas, em que a *analogia* é a forma de participação do múltiplo no Uno. Daí o caráter particular da representação histórica seiscentista: também

ela deveria constituir um objeto teológico, em que operam o conceito e a temporalidade própria de uma concepção católica do mundo.

Em razão do tipo de problema que decidimos examinar, escolhemos o Livro Antepimeiro da *História do Futuro* de Padre Antônio Vieira, que é apresentado como “Prolegómeno a toda a História do Futuro, em que se declara o fim e se provam os fundamentos dela”². Embora o lugar da *História do Futuro* dentro da obra profética de Vieira seja discutível³, é possível trabalhar com a hipótese de que, enquanto “compêndio” das proposições da obra em preparação, ela constitua uma fonte essencial para a compreensão dos pressupostos do longo trabalho ao qual talvez não tenha jamais conseguido dar uma forma definitiva⁴. É evidente que a relação da *História do Futuro* com os materiais da *Clavis Prophetarum* exige ainda um exame filológico e crítico aprofundado, mas o esclarecimento que o próprio Vieira oferece na Petição ao Conselho Geral da Inquisição colabora para a tese de que a *História do Futuro* pode ser utilizada como legítima fonte de investigação sobre seu pensamento, e principalmente como fonte de indagação sobre as forças políticas e religiosas que se imprimiram nas representações seiscentistas que a elas sobreviveram (num certo sentido a *História do Futuro* sobreviveu, e a *Clavis Prophetarum*, como obra, não):

“Provará que para abreviar as ditas matérias, reconhecendo a imensidade delas, buscou traça, método e disposição com que as meter todas em um só discurso que intitula *História do Futuro*, que vem a ser um compêndio de todas as proposições que deve provar sem a confusão e repetições que haviam de ser necessárias se não fossem assim ordenadas e digestas. E também tomou o disfarce do dito título para debaixo dele se poder ajudar de alguma pessoa que escrevesse sem entender o intento da dita escritura nem violar o segredo que lhe foi imposto, o que tudo são

meios de abreviar.” (Vieira, *apud* Peloso, 2006, p. 88)

A própria urgência do trabalho (seja pela necessidade de defesa perante a Inquisição, seja pela necessidade de concluir a *História* antes que o próprio tempo a revelasse – e esta espera é clara quando Vieira se compara a João Batista, “que prometeu-o futuro com a voz, e mostrou-o presente com o dedo”, *HdF*, p.53) também depõe a favor do Livro Antepimeiro, que Vieira apresenta como “alicerce de todo o edifício”⁵. Apresentando os fundamentos da ‘história’ dos acontecimentos futuros, ainda que sob um título-disfarce para uma monumental “Chave dos Profetas”, o Livro Antepimeiro da *História do Futuro* constitui um objeto ideal para o exame do conceito de *tempo histórico* no contexto luso-brasileiro seiscentista. Seguindo Reinhart Koselleck (1979) no pressuposto de que a relação entre a experiência do passado e horizonte de expectativa do futuro permitiria compreender o modo como os homens vivem o próprio tempo, pretendemos analisar a imagem da história que Vieira elaborou como construção retórica e fruto de um olhar formado entre a colônia e a corte, entre o poder político dos reis e da Igreja do século XVII, e como fonte de indagação sobre uma atitude diante do tempo e suas conseqüências formais e políticas. Seleccionamos dois conceitos e dois conjuntos de imagens centrais para nossa análise: o conceito de história e de novidade, as imagens geográficas do tempo e as imagens teatrais da história, que serão lidos a partir de uma chave interpretativa construída como metalinguagem na própria obra de Vieira.

A IMAGEM DO ORADOR

Como um dos maiores oradores de seu tempo, Vieira participa de um contexto em que *dicere* é *facere*⁶, sendo que o efeito da ação depende diretamente da eficácia do discurso. No Sermão da Sexagésima (1655), Vieira apresenta uma pequena ‘arte de

pregar', que em sua análise recorda a *Rhetorica ad C Herennium*, de Cícero, ou a *Arte Retórica* de Aristóteles⁷:

“No pregador podem-se considerar cinco circunstâncias: a Pessoa, a Ciência, a Matéria, o Estilo, a Voz. A pessoa que é, a ciência que tem, a matéria que trata, o estilo que segue, a voz com que fala.” (Sermão da Sexagésima, seção IV)

(...) Para o Sermão vir nascendo, há de ter três modos de cair: há de cair com queda, há de cair com cadência, há de cair com caso. A queda é para as coisas, a cadência para as palavras, o caso para a disposição. A queda é para as coisas porque hão de vir bem trazidas e em seu lugar; hão de ter queda. A cadência é para as palavras, porque não hão de ser escabrosas, nem dissonantes, hão de ter cadência. O caso é para a disposição, porque há de ser tão natural e tão desafetada que pareça caso e não estudo: *Cecidit, cecidit, cecidit.*(...)” (Sermão da Sexagésima, seção V)

Ao buscar a eficácia da pregação, apresenta no sermão uma versão católica de vários elementos da retórica clássica, de modo que a antiga forma do discurso adquire um novo significado: o instrumento de persuasão se torna instrumento de conversão, adquirindo um conteúdo teológico articulador antes ausente. Dessa forma, Vieira reescreve o *estilo* de Aristóteles⁸ com uma imagem da natureza que já é o exercício daquilo que ilustra: a analogia da clareza das estrelas em oposição às trevas da ignorância, recorrente na *História do Futuro*:

“Como hão de ser as palavras? Como as estrelas. As estrelas são muito distintas e muito claras. Assim há de ser o estilo da pregação, muito distinto e muito claro. E nem por isso temais que pareça o estilo baixo; as estrelas são muito distintas, e muito

claras e altíssimas. O estilo pode ser muito claro e muito alto; tão claro que o entendam os que não sabem, e tão alto que tenham muito que entender nele os que sabem. O rústico acha documentos nas estrelas para sua lavoura, e o mareante para a sua navegação, e o matemático para os seus juízos.”
(Sermão da Sexagésima, parte V)

Em sua defesa da clareza, Vieira opera simultaneamente dois procedimentos: o primeiro, a condenação do estilo que utiliza os instrumentos da eloquência sem revelar a Verdade; o segundo, o reconhecimento de uma doutrina da representação que aproxima a forma do discurso a todas as formas da natureza e da história, conforme uma concepção figural de interpretação dos acontecimentos, das narrativas e das próprias coisas. Poderíamos pensar em uma concepção de mundo (e de história) como *figuração* do divino, sua Causa Primeira, segundo uma operação de participação por analogia, como explica João Adolfo Hansen (2000):

“Podemos dizer, de modo sumário, que a linguagem luso-brasileira seiscentista é antes de tudo uma jurisprudência ou usos autorizados dos signos prescrevendo que todas as imagens, discursivas, plásticas, musicais, gestuais, devem ser boas imagens, reguladas ou controladas em regimes analógicos de adequações verossímeis. Aqui, são atuantes a mimesis aristotélico-escolástica e seus efeitos, a semelhança e a diferença por participação analógica. Deus, Causa Primeira e Final da natureza e da história, faz com que as imagens estabeleçam relações simpáticas e antipáticas entre si (...). A forma-matriz de qualquer imagem é a metáfora, pois é produzida associativamente, condensando imagens fornecidas pela memória e estabelecendo associações imaginárias com outras. Sempre definida como emanção da luz divina na consciência, segundo as analogias de atribuição, de proporção e de proporcionalidade, a imagem faz

ver seu pressuposto metafísico e lógico: o atributo do Ser se aplica a todas as coisas da natureza e eventos da história, fazendo-os convenientes entre si; por isso mesmo, diversos e diferentes.”

Da mesma forma que apresenta a imagem do semeador em semelhança com a do pregador, como é próprio da interpretação da parábola, Vieira utiliza procedimentos metafóricos que se desdobram no sermão em múltiplas imagens que reiteram, na multiplicidade, uma unidade com o divino que se reconhece pela semelhança retoricamente construída. Assim, a oposição luz-trevas reaparecerá também na *História do Futuro* sob diversas formas: estrela, luz, sol e candeia como metáforas ou imagens da Verdade; escuridão, treva, caligem e cegueira como imagens da ignorância:

“Sós e solitariamente entramos nela [na História do Futuro] (mais ainda que Noé no meio do dilúvio), sem companheiro nem guia, sem estrela nem farol, sem exemplar nem exemplo.” (*HdF*, p. 47)

“O lugar escuro e caliginoso é o futuro; a candeia que alumeia são as profecias; o sol que há-de-amanhecer é o cumprimento delas”. (*HdF*, p. 138)

“Eu conheço e confesso que a [luz divina da profecia] não tenho, nem basta estudo ou diligência alguma para a alcançar, porque só Deus a pode dar e a dá, quando e a quem é servido (...). Mas ainda que a candeia esteja na mão de outrem, também se podem aproveitar da sua luz os que se chegarem a ela e a forem seguindo.” (*HdF*, p. 138)

Imagem, neste contexto, não é apenas ilustração, mas algo que funda seu ser na própria operação analógica, em que o semelhante não apenas se parece, mas ao parecer, participa. Este

terceiro excerto é de grande importância: ele reitera, na imagem da luz (que é a luz da Graça), a imagem do ‘intérprete’ das profecias, que é o lugar em que Vieira se coloca no Livro Antepimeiro. Representa-se como “instrumento pequeno” a serviço das grandes coisas – como convém ao decoro cristão: quem quiser ser o primeiro, que seja o último –, imagem com a qual procura legitimar o milagre de Ourique e elevar o sapateiro Bandarra à condição de profeta:

“E o intérprete deste último e glorioso estado de Portugal já tenho dito quem é, e quão indigno de o ser, e por isso mui proporcionado (segundo o estilo de Deus) para tão grande e dificultosa empresa”.
(*HdF*, p. 67)

Também Deus tem, no escrever a História – porque é Deus o Autor da *História* que escreve Vieira –, um *estilo* reconhecível porque reiterado, e, no modo de interpretar as escolhas de Deus, Vieira coloca a mesma justificativa para a ‘sacralização’ de Portugal⁹ dois parágrafos antes, em que o reino é semelhante ao próprio Cristo:

“Estilo foi este que sempre Deus usou com Portugal, receoso porventura de que uma nação tão amiga da honra e da glória lhe quisesse roubar a sua. Quem considerar o reino de Portugal no tempo passado, no presente e no futuro, no passado o verá nascido, no presente ressuscitado e no futuro glorioso” (p. 66)

Mais adiante, Portugal será comparado, em pequenez, aos profetas que Vieira procura elevar, todos instrumentos da glória de Deus, proporcional às desmedidas façanhas que realiza¹⁰¹⁰ Mas, deixando exemplos das Escrituras e profecias canônicas, ouçam também o das nossas, que, se bem que de inferior autoridade, também foram ditadas, como depois se verá, pelo mesmo

Espírito.

Estabelecer o lugar do intérprete é tarefa fundamental de Vieira no Livro Antepreimeiro, em que seu discurso, mais que em qualquer outro lugar, deveria constituir e provar sua autoridade¹¹. É possível supor, por exemplo, que ao anunciar Deus como verdadeiro Autor de sua obra¹², Vieira fosse perfeitamente consciente das conseqüências do dizê-lo: dada sua concepção de Escritura (que é diretamente relacionada com a concepção do tempo perfeito em Deus, a quem, por ser eterno, todos os futuros são presentes), é muito difícil crer numa eventual dissimulação circunstancial. Ao apresentar a História como doutrina, mais uma vez o *ethos* do intérprete coincide com o do pregador: ambos têm que ser suficientemente dignos de sua tarefa e suficientemente humildes para conseguir completá-la com êxito, revelando a grandeza de Deus e não a própria. Como diz no Sermão da Sexagésima (que nisto se aproxima da *Institutio Oratoria*, de Quintiliano¹³), “a definição do Pregador é a vida e o exemplo”, e parte de seu concurso para a eficácia da pregação é “a pessoa que é” (diferente do *ethos* do orador aristotélico, que é uma representação discursiva, necessariamente verossímil, mas não necessariamente verdadeira). Nesse sentido, é impossível separar o pregador do “narrador” ou “intérprete” da *História do Futuro*: quem a escreve é o pregador, na fé de que seu escrever é agir – e podemos supor que, no imediato interesse político e missionário de Vieira, seria também uma tentativa de precipitar eventos históricos que ele via como (ou esperava que fossem) certos.

Corrobora essa hipótese a imagem do intérprete – no caso, o próprio Vieira –, que é construída sobre elementos históricos (as grandes navegações e o descobrimento do Novo Mundo) que unem o imaginário político ao teológico num ponto de indistinção, que é a própria forma de representar e interpretar:

“O mar é imenso, as ondas confusas, as nuvens espessas, a noite escuríssima; mas esperamos no Pai dos lumes (a cuja glória e de seu Filho servimos),

tirá a salvamento a frágil barquinha: ela com maior ventura que Argos, e nós com maior ousadia que Tífis. Antes de abrir as velas ao vento (oh faça Deus que não seja tempestade!), em lugar da benevolência que se costuma pedir aos leitores, só lhes quero pedir justiça.” (*HdF*, p. 48)

“Portentosas foram antigamente aquelas façanhas, ó Portugueses, com que descobristes novos mares e novas terras, e destes a conhecer o mundo ao mesmo mundo. Assim como lóis então aquelas vossas histórias, lede agora esta minha, que também é toda vossa. Vós descobristes ao mundo o que ele era, e eu vos descubro a vós o que haveis de ser. Em nada é segundo e menor este meu descobrimento, senão maior em tudo. Maior Gama, maior Cabo, maior Esperança, maior Império.” (*HdF*, p. 54)

Vieira usa um velho lugar-comum, explorando o duplo sentido dos nomes: o Cabo da Boa Esperança (que foi o Cabo das Tormentas antes da viagem de Vasco da Gama), na *História do Futuro*, é a imagem do desconhecido, do cabo a ser superado (como o limite do presente), e a Esperança do nome é também metáfora das esperanças prometidas a Portugal. O que hoje se lê como jogo de palavras não funciona aqui como jogo, mas como analogia de fato na linguagem, segundo uma doutrina em que o dizer participa do ser na lógica analogia de atributos apresentada com engenho e arte – por isso *ornato dialético*. Interpretar os eventos e representar a história dentro de uma chave católica, conforme a doutrina do conceito – esta seria a articulação do discurso da *História do Futuro*, fundamentada no “pressuposto teológico de que só o anjo conhece diretamente o universal”, implicando, por oposição, que “o conhecimento humano é teórico e *análogo*, não divino” e que por isso exige “meios indiretos para figuração das idéias”¹⁴. Sem o *conceito* é impossível imaginar o modo como a imagem das navegações e das descobertas

– no espaço e no tempo – pudesse constituir um fundamento para os acontecimentos que a *História do Futuro* vinha anunciar.

DECURSO E DISCURSO

Dentro da modalidade figural de interpretação, a expansão do império colonial português com as grandes navegações seria não uma mera metáfora da expansão do império espiritual de Cristo a partir da revelação prodigiosa do futuro: ela seria uma alegoria *in factis*, figura da instauração do reino de Cristo consumado na Terra, dentro de uma ascese histórica no sentido da perfeição: o mundo que primeiro se apresentava em parte estaria prestes a se apresentar por inteiro (e já o sabiam), logo, o tempo que se apresenta em parte estaria prestes a se apresentar por inteiro (e a *História do Futuro* seria seu anúncio):

“Diz o Apóstolo São Paulo que acomodou Deus e repartiu os séculos conforme os decretos da sua palavra, para que cousas invisíveis se fizessem visíveis (...); por onde não é muito que tanta parte do Mundo, e as gentes que o habitavam, estivessem ignoradas e invisíveis por tantos séculos, e que depois chegasse um século em que se descobrissem e fossem visíveis; e assim como, corrida esta cortina, se descobriram e manifestaram as terras e gentes de que tinham falado os Profetas, assim se entenderam e descobriram também os segredos e mistérios de suas profecias.

Destas terras ultramarinas, encobertas e incógnitas, falava Isaías (...). (HdF, p. 232)

“O mundo que conheceram os Antigos se dividiu em três partes: África, Europa, Ásia; depois que se descobriu a América, acrescentou-lhe a nossa idade esta quarta parte; espera-se agora a quinta, que é aquela terra incógnita, mas já conhecida, que chamamos Austral”.

“Este foi o mundo passado, e este é o mundo presente, e este será o mundo futuro; e destes três mundos unidos se formará (que assim o formou Deus) um mundo inteiro. Este é o sujeito de nossa História, e este o Império que prometemos do Mundo. (...) Todos os reinos se unirão em um cetro, todas as cabeças obedecerão a uma suprema cabeça, todas as coroas se rematarão em um só diadema, e esta será a peanha da Cruz de Cristo.” (HdF, pp. 60-61)

Conforme este tipo de leitura, é possível compreender como a descoberta do Novo Mundo pode ter sido anunciada em Isaías, da mesma forma que todos os eventos históricos de importância teológica – e política, já que é preciso recordar que se espera aqui o tempo da perfeição como Quinto *Império*, que é uma concepção de poder tão política quanto a de *Reino* de Deus que aparece nos Evangelhos. À perfeição geográfica do mundo, inteiramente descoberto, corresponderia a perfeição temporal da História no Quinto Império, ou no Reino de Cristo consumado na Terra (possível título da *Clavis Prophetarum*). O espaço é lido como figura do tempo, em que a imperfeição e a perfeição se espelham e se revelam no decurso da História. Esta concepção de um duplo aspecto do tempo – perfeito em Deus, que é eterno, e imperfeito para o homem¹⁵ – justifica o conhecimento do futuro como prerrogativa do divino, e aparece numa famosa imagem geométrica e geográfica:

“O tempo, como o mundo, tem dois hemisférios: um superior e visível, que é o passado, outro inferior e invisível, que é o futuro. No meio de um e outro hemisfério ficam os horizontes do tempo, que são estes instantes do presente que imos vivendo, onde o passado termina e o futuro começa. Desde este ponto toma seu princípio a nossa *História*, a qual nos irá descobrindo as novas regiões e os novos

habitadores deste segundo hemisfério do tempo, que são os antípodas do passado. Oh que coisas grandes e raras haverá que ver neste novo descobrimento!” (*HdF*, pp. 45-46)

Para o orador Vieira, a semelhança formal entre a imagem do tempo, do mundo e de Deus não é casual¹⁶, mas figuração do próprio Ser divino no mundo. A figuração se dá no desdobrar de imagens que se revelam umas às outras por semelhança e que revelam, na mesma analogia, sua Causa Primeira, Deus (“Assim foram retratos de Cristo Abel, Isaac, José, David, antes de o Verbo ser homem”, p. 45). Portanto, imagens que se reiteram e acumulam, neste contexto discursivo, não são excessivas, mas necessárias para o reconhecimento indireto do divino. Natureza e história¹⁷ aparecem no discurso de Vieira como formas de revelação em seu ser e acontecer, como um espetáculo da grandeza de Deus:

“Este mundo é um teatro; os homens as figuras que nele representam, e a história verdadeira de seus sucessos uma comédia de Deus, traçada e disposta maravilhosamente pelas idades de sua Providência. E assim como o primor e subtileza da arte cômica consiste principalmente naquela suspensão de entendimento e doce enleio dos sentidos, com que o enredo os vai levando após si, penderes sempre de um sucesso para outro sucesso, encobrendo-se de indústria o fim da história, sem que se possa entender onde irá parar, senão quando já vai chegando e se descobre subitamente entre a expectativa e o aplauso, assim Deus, soberano Autor e Governador do Mundo e **perfeitíssimo Exemplar de toda a natureza e arte**, para maior manifestação de sua glória e admiração de sua sabedoria, de tal maneira nos encobre as cousas futuras, ainda quando as manda escrever primeiro pelos profetas, que nos

não deixa compreender nem alcançar os segredos de seus intentos, senão quando já têm chegado ou vão chegando os fins deles, para nos ter sempre suspensos na expectação e pendentes de sua Providência.” (p. 157)

Este excerto apresenta uma pequena ‘teologia da representação’, que é fundamental para a compreensão do conceito de história (como acontecimentos e como escritura) no tempo de Vieira. É interessante que Vieira não coloca em discussão a distinção entre o decurso dos acontecimentos e o discurso da história narrada, já que, como nos lembra Antonio José Saraiva, acontecimentos, lugares e personagens que têm ou tiveram existência real são também “signos do discurso divino”; em vez disso, Vieira coloca em discussão a distinção entre discurso “verdadeiro” e discurso “falso”¹⁸. Ou seja: a verdade do discurso não está em uma correspondência com os acontecimentos, mas numa forma de revelação da Verdade por definição cristã: Deus. O discurso é, portanto, simultaneamente reiteração e revelação no tempo, o que torna ambígua a ‘novidade’ da *História do Futuro* em sua forma e no que narra.

Não por acaso, boa parte do esforço retórico de Vieira é justificar o nome de sua empresa – explicar por que se trata de uma *história* do futuro e não de uma profecia, num tempo e num contexto em que a espera escatológica subsistia na articulação do pensamento teológico e do ordenamento político, mesmo sendo combatida tanto pelas monarquias absolutistas quanto pela Igreja católica¹⁹. Apresenta sua forma e simultaneamente sua chave metalingüística: “pomos hoje no teatro do Mundo esta nossa *História*”. O Mundo de Vieira é um discurso em cena (o que não nega a realidade histórica das coisas e dos eventos, mas afirma sua participação numa significação que ultrapassa seu sentido temporal) e a *História* narrada, o discurso em palavras, que, como forma de revelação, não se distingue em natureza daquele. Também

o Livro Antepimeiro, discurso *sobre* a História narrada, é desenvolvido dramaticamente: cria a imagem dos destinatários – o Mundo, os Portugueses e os reis²⁰, também construídos como personagens dramáticas – em ação – no texto, conforme a mesma concepção teológica da linguagem.

Do ponto de vista formal, Vieira procura definir a história como gênero de escritura, com “estilo” e “leis” próprias: devem distinguir os tempos, assinalar os lugares, individualizar pessoas, seguir a ordem dos casos e dos sucessos (*HdF*, p. 47). É interessante notar que Vieira não coloca a grande diferença entre história e profecia no tempo (passado/futuro), mas principalmente na linguagem (clara/obscura): como um desdobrar de acontecimentos no tempo, lidos como figuras, a história é a revelação aberta, enquanto a profecia é o anúncio fechado nas palavras²¹. Para Vieira, a marca do discurso profético é o ser “envolto em metáforas, disfarçado em figuras, escurecido com enigmas e contado ou cantado em frases próprias do espírito profético, mais acomodadas à majestade e admiração dos mistérios, que à notícia e inteligência deles” (*HdF*, p. 47). A linguagem ocupa, portanto, um lugar decisivo na representação, e seu estilo deve ser *conveniente* ao tipo de revelação que propicia.

Aqui poderia surgir uma objeção à repetição e acúmulo de determinadas imagens (como as metáforas ligadas à luz, às navegações e aos descobrimentos) no Livro Antepimeiro, como discurso “envolto em metáforas”; é preciso lembrar, porém, que a metáfora tem um duplo sentido: ao mesmo tempo que aparentemente encobre pela diversidade, revela pela identidade de atributos, segundo a doutrina da agudeza. Por isso a revelação só é reconhecível na reiteração, como explica João Hansen (1997):

“Aqui, impõe-se a hermenêutica, como a “semântica de realidades” da interpretação patrístico-escolástica, pois Vieira reatualiza casos da história lusa por meio do estabelecimento da concordância deles com os eventos narrados nos Testamentos Velho e Novo,

tomando o resultado da comparação como índices evidenciadores do novo Advento.”

“... por mais fantásticas que possam aparecer para o leitor contemporâneo, que provavelmente não mais vive a experiência do sagrado, suas agudezas revelam a universal mediação de tudo e todos pela luz natural da Graça inata e sua variedade é sempre espelho político da Unidade ou ornato da Identidade.” (pp. 546-547)

A reiteração das imagens, como figuras, funciona como afirmação da eternidade de Deus, que sendo o mesmo, revela-se nas várias formas da natureza e da história, que não se repetem, mas que por essa razão também não são absolutamente novas. “Novidades de cousas não novas”, na explicação de Vieira:

“Quando Adão saiu flamante das mãos de Deus, abriu os olhos, e viu tanta cousa nova (e todas eram mais antigas que ele), nem eram elas as novas, ele era o novo.

A novidade da nossa História há-de ser mais dos leitores que dela.” (*HdF*, p. 173)

“Assim que, recolhendo todos estes exemplos, umas cousas faz novas o esquecimento, porque se não lembram; outras a escuridade, porque se não vêem; outras a ignorância, porque se não sabem; outras a distância, porque se não alcançam; outras a negligência, porque se não as buscam; e de todas estas novidades sem novidade, haverá muito nesta nossa *História*.” (*HdF*, p. 174)

“E como a verdade da nossa História toda (como vimos) tenha o seu princípio em Deus, pedimos aos que a lerem que, assim no certo como no provável, nem se atente se é velho, nem se repare se é novo, mas só se considere se é ou pode ser verdadeiro. (...) Saber as [cousas] velhas e inventar as novas, isto parece que é ser douto”. (*HdF*, p. 175)

Mais uma vez, e talvez incidentalmente, Vieira expõe o princípio da invenção retórica em chave católica seiscentista, que nada tem em comum com a originalidade (entendida romanticamente como algo novo, singular), mas que consiste em uma espécie de arte combinatória, que aqui se aplica extensivamente. Os artifícios do discurso são apresentados como instrumentos de revelação do acontecido como figura e da História, como história da Salvação:

“Assim que podemos dizer em uma palavra que a primeira e principal fonte e os primeiros e principais fundamentos de toda esta nossa *História* é a Escritura Sagrada; com que vem a ser um só livro e um só Autor o que nela principalmente seguiremos: o livro, a *Escritura*; o Autor, Deus. Sobre estes fundamentos da primeira e suma Verdade entrará o discurso como arquitecto de toda esta grande fábrica, dispondo, ordenando, ajustando, combinando, inferindo e acrescentando tudo aquilo que por consequência e razão natural se segue e infere dos mesmos princípios, no qual modo de fabricar se não perde a primeira verdade dos fundamentos, mas vai crescendo, dilatando-se e frutificando, não em diverso, senão no mesmo corpo, como a árvore em suas raízes.” (*HdF*, p. 140)

“Quer dizer São Pedro que os Profetas antigos, depois de lhes serem revelados com lume sobrenatural e eles conhecerem e profetizarem mistérios futuros (como os da paixão e glória de Cristo) sobre os mesmos mistérios e sobre as mesmas profecias, inquiriam e especulavam de novo com o lume natural do discurso muitas circunstâncias que lhes não foram expressamente reveladas, como as do tempo e estado do Mundo em que os mesmos mistérios se haviam de obrar e as suas mesmas profecias haviam de suceder.” (*HdF*, p. 141)

Tanto a palavra da História quanto a palavra da profecia (verdadeiras) seriam discurso iluminado pela luz da Graça e pelo “lume da razão”. O acontecido adquire significado ao ser revelado retoricamente – sob iluminação divina – na linguagem; por isso o discurso histórico não é instrumento de memória apenas, mas de *revelação*, como o seria a própria História na sucessão dos acontecimentos.

NOTAS

¹É claro que as edições em geral não dependem apenas do mérito das obras, e no caso específico da obra de Vieira muitos outros fatores de ordem política e ideológica entraram em jogo.

²VIEIRA, António. *História do Futuro*. Introdução, atualização do texto e notas por Maria Leonor Carvalhão Buescu. 2.^a ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982, p. 40. As referências ao Livro Antepimeiro da *História do Futuro* seguirão esta edição, com a indicação *HdF*.

³Juntamente com o exame de cartas e materiais do processo inquisitorial contra Vieira, Silvano Peloso (2006) apresenta a polêmica tese da “inesistência de uma grande obra profética intitulada *História do Futuro*”, que teria sido estrategicamente composta para ‘proteger’ do Tribunal do Santo Ofício seu projeto mais ambicioso, a *Clavis Prophetarum* (p. 89).

⁴Para uma síntese dos principais problemas para o estabelecimento do texto da *Clavis Prophetarum*, cf. também Muhana, 1995.

⁵“E posto que todo este tão largo Prolegómeno, em rigor, não seja *História do Futuro*, senão preparação ou aparato para ela (...), não será injucunda aos que a lerem, e que possa sem enfado entreter a expectativa e desejo da mesma *História*, enquanto não sai à luz, que será, como em Deus esperamos, muito brevemente.” (*HdF*, p. 144)

⁶(...) o que semeia e o que prega é ação; e as ações são as que dão o ser ao Pregador” (Sermão da Sexagésima, seção IV). Os sermões seguem a edição organizada por Pécora (2001).

⁷É preciso que o orador possua a invenção, disposição, elocução, memória, recitação.

A invenção é a busca das coisas verdadeiras ou verossímeis que tornem persuasiva a causa. A disposição é a ordem e a distribuição das idéias, que demonstra o que deve ser posto em cada ponto. A elocução é a adaptação das palavras adequadas e das idéias à invenção. A memória é a firme aquisição na mente das idéias e das palavras, e da disposição. A recitação é o moderar com elegância a voz, o vulto, o gesto. Todas estas coisas podem ser alcançadas com três meios: arte, imitação, exercício.” (Cícero, *Rethorica ad C Herennium*, Livro I, tradução livre)

“Três são as questões relativas ao discurso, que precisam ser versadas a fundo: a primeira, donde se tirarão as provas; a segunda, o estilo que se deve empregar; a terceira, a maneira de dispor as diferentes partes do discurso.” (Aristóteles, *Arte Retórica*, Livro III, Cap. 1)

⁸“Limitemo-nos a estas observações teóricas e definamos a virtude do estilo: ela consiste na clareza. Sinal disso é que, se o discurso não tornar manifesto o seu objeto, não cumpre sua missão. Além disso, o estilo não deve ser rasteiro nem empolado, mas convir ao assunto.” (*Arte Retórica*, Capítulo II, “Das qualidades do estilo”). A ‘conveniência’ no sentido clássico se referia à representação do verossímil, enquanto no sentido seiscentista se referia à representação do Verdadeiro (historicamente determinado, é claro).

⁹Para um estudo sobre a “sacralização” em Vieira, cf. Pécora, 1994.

¹⁰Mas, deixando exemplos das Escrituras e profecias canônicas, ouçam também o das nossas, que, se bem que de inferior autoridade, também foram ditadas, como depois se verá, pelo mesmo Espírito.

Porque puderam romper os Portugueses os claustros impenetráveis do Oceano, e conquistaram nas outras três partes do mundo, sendo um Reino tão pequeno, tantas, tão novas e tão poderosas nações, senão porque estava escrito?” (*HdF*, p.127).

¹¹É importante lembrar que a autoridade aqui provém da adequada utilização e atualização dos instrumentos retóricos, dos textos bíblicos e da patrística: “Assim como os que escrevem anais ou histórias passadas e antiqüíssimas, recorrem aos autores mais antigos, e estes são os que têm maior crédito e autoridade nas cousas daqueles tempos, assim nós que escrevemos do futuro, devemos recorrer e buscar a verdade e notícia da nossa História nos autores dos tempos futuros, que são somente os Profetas, pois só eles os conheceram” (*HdF*, p. 139). Como a verdade da profecia está na luz da Graça (que permite aos profetas *ver* o futuro), a autoridade do texto é, no extremo, a autoridade de Deus.

¹²Se em todos os livros sagrados contarmos os escritores das coisas passadas (.), acharemos que são em muito maior número os que escreveram das futuras: diferença

que de nenhum modo fizera Deus, que é o verdadeiro Autor de todas as Escrituras (sendo todas elas, como diz São Paulo, escritas para nossa doutrina)” (p. 64). E adiante: “Em conseqüência desta verdade e em consideração das coisas que tenho disposto escrever, digo, leitor cristão, que todos aqueles fins que sabemos teve a Providência Divina em diversos tempos, lugares e nações para lhes revelar antecedentemente o sucesso das coisas que estavam por vir, concorrem com particular influxo nesta nossa História”.

¹³“Formamos o orador perfeito, que não pode ser senão um homem de bem: por isso não poderíamos exigir dele apenas uma impecável capacidade de dizer, mas também todas as virtudes da alma” (*Institutio Oratoria*, Proêmio do Livro I, tradução livre).

¹⁴Hansen, 1995.

¹⁵“Como Deus por natureza seja eterno, é excelência gloriosa, não tanto de sua sabedoria quanto de sua eternidade, que todos os futuros lhe sejam presentes. O homem, filho do tempo, reparte com o mesmo tempo ou o seu saber ou a sua ignorância; do presente sabe pouco, do passado menos e do futuro nada.” (*HdF*, p.41)

¹⁶“A figura mais perfeita e mais capaz de quantas inventou a natureza, e conhece a Geometria, é o círculo. Circular é o Globo da terra, circulares as Esferas Celestes, circular toda esta máquina do Universo, que por isso se chama Orbe, e até o mesmo Deus, se, sendo espírito, pudera ter figura, não havia de ter outra, senão a circular. O certo é que as obras sempre se parecem com seu Autor: e fechando Deus todas as suas dentro em um círculo, não seria esta idéia natural, se não fora parecida à sua natureza. Daqui é que o mais alumiado de todos os Teólogos, S. Dionísio Areopagita, não podendo definir exatamente a suma perfeição de Deus, a declarou com a figura do círculo: *Velut circulus, quidam sepiternus propter bonum, ex bono, in bono, et ad bonum certa, et nusquam oberrante glomeratione circumiens.*” (Vieira, “Sermão de Nossa Senhora do Ó”).

¹⁷“Ou tenha Portugal a qualidade da hidra ou a natureza das plantas, por cada cabeça que corta a guerra em uma campanha, aparecem na seguinte duas; e por cada ramo que faltou no Outono, brotam dois na Primavera. Assim se foram dobrando e crescendo sempre os nossos presídios (...)” (*HdF*, p. 108). Observa-se aqui mais um exemplo de discurso engenhoso, em que a metáfora poética é instaurada sem restrição no discurso do juízo.

¹⁸“A primeira qualidade da história (quando não seja a sua essência) é a verdade” (*HdF*, p. 137). “Quem quiser ver claramente a falsidade das histórias humanas, leia a mesma história por diferentes escritores, e verá como se encontram, se contradizem

e se implicam no mesmo sucesso, sendo infalível que um só pode dizer a verdade e nenhum a diz. (...) e desta mesma experiência e razões dela se qualifica claramente ser a nossa *História do Futuro* mais verdadeira que todas as do passado, porque elas em grande parte foram tiradas da fonte da mentira, que é a ignorância e malícia humana, e a nossa tirada do lume da profecia e acrescentada pelo lume da razão, que são as duas fontes da verdade humana.” (*HdF*, p. 147)

¹⁹Cf. Koselleck, *op. cit.*, pp. 15-19.

²⁰“No capítulo passado falamos com todo o mundo; neste só com Portugal”. (*HdF*, p. 49) “Já Deus, Portugueses, nos livrou do cativoiro (...)” (p. 69). “Leiam este decreto os reis e monarcas do mundo (...)” (*HdF*, p. 119). “Ó poderosíssimo monarca Filipe o Quarto, ó Grande Rei! Dai licença para que tenham entrada a vossos ouvidos os ecos destas últimas cláusulas...” (*HdF*, p. 134).

²¹“A sua [de Isaías] profecia é o Evangelho fechado; o Evangelho é a sua profecia aberta” (*HdF*, p. 47). É interessante observar a indistinção entre acontecimento e narrativa que se encerra na palavra *Evangelho*: a *boa notícia* é a realização histórica da Salvação no sacrifício de Cristo. O anúncio é a palavra fechada não em relação ao seu significado enquanto discurso, mas enquanto Verdade que se confirma no tempo.

REFERÊNCIAS

ARISTOTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.

CICERONE. *Opere retoriche* (Testo originale a fronte). Milano: Mondadori, 2007.

HANSEN, João Adolfo. “Ler e ver: pressupostos da representação colonial”. Versão eletrônica em http://us.geocities.com/ail_br/lerverpressupostos.htm?20069. Texto impresso em: *Veredas*. Porto: v. 3-I, 2000, pp. 75-90.

_____. “*Ut pictura poesis* e verossimilhança na doutrina do conceito do século XVII”. In VVAA. *Para Segismundo Spina*. São Paulo: Edusp: Iluminuras, 1995.

_____. “*Vieira: tempo, alegoria e história*”. In VVAA. *Brotéria*, vol. 145, Fundação Oriente, out.-nov. 1997.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passato*. Bolonha: CLUEB, 2007 (título original: *Vergangene Zukunft*, 1979).

MUHANA, Adma Fadul. “A *Clavis Prophetarum* de Antônio Vieira”. In VVAA. *Para Segismundo Spina*. São Paulo: Edusp: Iluminuras, 1995.

PÉCORA, Alcir. *Teatro do Sacramento*. São Paulo: Edusp; Campinas: Editora da Universidade de Campinas, 1994.

PELOSO, Silvano. *Antonio Vieira e l'impero universale. La Clavis Prophetarum e i documenti inquisitoriali*. Viterbo: Sette Città, 2006.

QUINTILIANO. *Instituzione Oratoria* (Testo originale a fronte). Milano: Mondadori, 2007.

SARAIVA, Antonio José. *O discurso engenboso*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

VIEIRA, Antônio. *Cartas do Brasil*. Org. J. A. Hansen. São Paulo: Hedra, 2003.

_____. *História do Futuro*. Introdução, atualização do texto e notas por Maria Leonor Carvalhão Buescu. 2.^a ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982.

_____. *Sermões*, 2 vols. Org. Alcir Pécora. São Paulo: Hedra, 2001.